

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Débora Berté**

**Dante: da danação à salvação, o mesmo *Inferno***



**Porto Alegre**  
**Semestre II / 2011**

**Débora Berté**

**Dante: da danação à salvação, o mesmo *Inferno***

**Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.**

**Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cybele Crossetti de Almeida**

**Porto Alegre  
Semestre II / 2011**

aos que fizeram este  
andar V da CEU parecer  
ainda alheio ao inferno ali fora  
(o mais perto do céu que já estive):

Bina, Luiz, Luandra, Deise, Rodrigo,  
Matt, Tauã, Tieska, Cláudio, Felipe  
e Lucas.

## **AGRADECIMENTOS**

A Alexandre Zambarda Leonardi e Marcelo Grillo, pelas várias versões da *Commedia* que me fizeram chegar às mãos.

À professora Cybele, que aceitou orientar este trabalho de pesquisa e colaborou para que tomasse forma.

À minha colega de quarto Cármen, por conviver pacificamente entre a Mecânica e minhas pilhas de textos caóticos, livros e músicas infernais.

PER ME SI VA NE LA CITTÀ DOLENTE  
PER ME SI VA NE L'ETTERNO DOLORE,  
PER ME SI VA TRA LA PERDUTA GENTE.  
GIUSTIZIA MOSSE IL MIO ALTO FATTORE:  
FECEMI LA DIVINA POTESTATE,  
LA SOMMA SAPIENZA E 'L PRIMO AMORE.  
DINANZI A ME NON FUOR COSE CREATE  
SE NON ETTERNE, E IO ETTERNO DURO.  
LASCiate OGNI SPERANZA, VOI CH'INTRATE.

*(Inf: III, 1-9)*

## RESUMO

BERTÉ, Débora. **Dante: da danação à salvação, o mesmo *Inferno***. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

Esta pesquisa objetiva traçar um paralelo entre a vida de Dante Alighieri, o primeiro livro (*Inferno*) de sua mais conhecida obra – *La Commedia* – e seu tratado político – *De Monarchia* – a fim de identificar na estrutura narrativa do poema épico a presença de símbolos, arquétipos e tendências políticas da mentalidade contemporânea, bem como referências aos conflitos ocorridos na península italiana entre os séculos XIII-XIV EC. Além da esfera política, procurei identificar, através da análise das alegorias empregadas por seu autor, a quem poderia interessar a visão do *Inferno* retratada na *Commedia*, uma vez que esta foi redigida no dialeto toscano – fator que a teria tornado virtualmente mais acessível ao público em geral.

## ABSTRACT

This research proposes to draw a parallel between Dante Alighieri's life, the first book (*Inferno*) of his most famous work - *La Commedia* - and his political treaty - *De Monarchia* - in order to identify in the epic poem's narrative structure the presence of symbols, archetypes and political tendencies of the contemporary mind, as well as the references to the civil conflicts in the Italian peninsula between the 13th-14th centuries CE. Besides the political approach, I tried to identify, through analysis of allegories used by its author, to whom this vision of hell portrayed might interest in the *Commedia*, as this was written in the Tuscan dialect - a factor that could have turn this shell-work more accessible to the general public.

## ÍNDICE

ABREVIATURAS .....	8
LISTA DE IMAGENS.....	9
LISTA DE ANEXOS .....	10
INTRODUÇÃO .....	11
I – Florença.....	14
II – Rumo ao <i>Inferno</i> .....	17
III - Henrique VII.....	20
IV – Símbolos de representação política .....	23
V – O sonho <i>Da Monarquia</i> .....	25
1. Necessidade da Monarquia .....	25
2. Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império .....	25
3. O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus.....	26
VI – Danação: os heróis no <i>Inferno</i> .....	28
VII – O percurso filosófico .....	32
VIII - Estrutura poética, ideais políticos.....	35
IX - Salvação: afirmação de uma língua presente .....	37
CONCLUSÃO.....	40
BILIOGRAFIA.....	41

## ABREVIATURAS

*Conv*

*Ep*

*Inf*

*Lev*

*Mon*

*Pard*

*Purg*

*VN*

Convivio

Epistolae

Inferno

Levítico (Antigo Testamento)

Da Monarchia

Paradiso

Purgatorio

Vita Nuova

## LISTA DE IMAGENS

<i>The Barque of Dante</i> , Eugène Delacroix (1822).....	1
<i>Plan of Hell</i> , Sandro Botticelli (c.1490).....	49
<i>The Palster Map</i> (sec XIII EC). ....	50

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo I: O comércio europeu no século XIV EC .....</b>	<b>47</b>
<b>Anexo II: A península itálica nos séculos XII-XIII EC .....</b>	<b>48</b>
<b>Anexo III: “Plano do <i>Inferno</i>”, de Sandro Botticelli.....</b>	<b>49</b>
<b>Anexo IV: O mapa Palster.....</b>	<b>50</b>
<b>Anexo V: Cronologia da descida ao <i>Inferno</i>.....</b>	<b>51</b>
<b>Anexo VI: Cronologia da vida de Dante segundo H.F. Junior .....</b>	<b>52</b>
<b>Anexo VII: Cronologia da vida de Dante segundo E. Sterzi.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Passados 690 anos desde sua criação, *A Divina Comédia*<sup>1</sup> adquiriu status suficiente junto ao cânone literário ocidental para que o nome de Dante Alighieri se fundisse ao poema quase como seu sinônimo. O *Inferno* narrado pelo poeta prima pela descrição realista dos tormentos, pecados e pecadores encontrados em seus nove círculos, levando-nos a refletir sobre o quê, afinal, o teria inspirado a compor tais cenários.

Ao descrever detalhadamente uma jornada da qual ele próprio teria sido protagonista, Dante une dois gêneros literários<sup>2</sup> a fim de transmitir ao leitor/ouvinte suas próprias reflexões filosóficas, teológicas, políticas e linguísticas. Como personagem principal, visava representar a toda humanidade; traçando um “roteiro da salvação” para indivíduos em busca da ascese, o poeta reafirma o ideal de unicidade que regia seu próprio sistema de crenças político-religiosas.

Em seu relato, abre-nos uma porta que revela dois importantes movimentos ocorridos no conturbado século XIV: de um lado, o esfacelamento das duas grandes instituições que ainda exerciam influência direta sobre o retalhado continente europeu – o Império e o Papado<sup>3</sup>; de outro, a difusão de uma língua derivada do latim – o dialeto toscano, base do idioma italiano moderno.

Tendo frequentado círculos intelectuais fortemente influenciados pela temática trovadoresca<sup>4</sup>, sua vida adulta – e, por conseguinte, sua obra – foi marcada

---

<sup>1</sup> Originalmente, Dante publicou a obra sob o título *Commedia*, sendo o epíteto *La Divina* acrescentado posteriormente por Boccaccio.

<sup>2</sup> Dois gêneros literários bem conhecidos na Europa do século XIV: os *exempla* (utilizados para enfatizar certos aspectos morais defendidos pelos preceitos cristãos) e os relatos de viagem.

<sup>3</sup> “Durante muito tempo o Império e o Papado tinham coberto o Ocidente com um véu de aparente unidade. Mas desde 1300 esse véu se desfaz em farrapos e deixa transparecer a diversidade política. Entretanto, torna-se um problema saber se os dois prestigiosos poderes não significam mais nada, no Ocidente, nos séculos XIV e XV.” GUENEÉ, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Edusp, 1981, pp 52.

<sup>4</sup> “(...) a menção, em matéria amorosa, à Beatriz e outras damas menos cotadas, e nunca a sua própria esposa, demonstra sobretudo quanto a concepção dantesca de amor ainda devia à concepção dos trovadores provençais, que era a da cultura cavaleiresca e cortesã, segundo a qual haveria uma insuperável oposição entre o casamento e o amor.” STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp 36.

pela busca da iluminação divina<sup>5</sup> como contraponto à precoce e frustrante atividade política. Antes de se destacar pela produção literária, Dante obteve destaque pela atuação política na cidade de Florença (até ser condenado ao exílio, em 1302); esse é o primeiro paradoxo de sua trajetória:

Da mesma forma que se Sócrates tivesse vivido fora de Atenas seu pensamento teria tido provavelmente rumos diferentes, Dante sem o exílio talvez permanecesse apenas no Purgatório poético. Das suas cidades-Estado os dois retiraram, filtrados pelo seu gênio e pelo seu amor por elas, todo o material para sua filosofia e sua poesia.<sup>6</sup>

Entre os sonhos com sua amada Beatrice – da qual guardava na memória pouco mais que uma imagem (provavelmente longínqua e idealizada demais)<sup>7</sup> – e suas andanças terrenas, Dante reflete sobre os erros cometidos no passado, na política e na vida pessoal, dedicando anos à criação de uma obra enciclopédica que narra como teria sido salvo da danação e passado pelo expurgo dos pecados em busca do Paraíso. Eis por que o cenário inicial é a floresta escura<sup>8</sup> onde o poeta avista o alto monte que se propõe a escalar; iniciada a subida, vê-se cercado por predadores que barram sua passagem: a pantera,<sup>9</sup> o leão e a loba faminta.<sup>10</sup> É nesse ponto que ocorre a intervenção divina: do Paraíso, Beatrice desce ao Limbo para pedir a Virgílio que conduza Dante à salvação por outro caminho.

---

<sup>5</sup> A *iluminação divina* é representada alegoricamente na *Commedia* pela figura de Beatrice, que desceu do Paraíso ao Limbo para interceder junto a Virgílio pela salvação da alma de Dante. Na *Vita Nuova* (compilação de poemas - escritos entre 1283-1293 - e seus respectivos comentários em prosa - escritos em 1294) ele já denota a importância de Beatrice, donde o amor que por ela nutre o teria levado ao aprofundamento de seus estudos filosóficos. Dante também foi influenciado pelo tomismo, cujos preceitos de criação e ordem universal implicavam num Deus de perfeição intelectual e eterna auto-contemplação, assim, a dedicação ao desenvolvimento das faculdades intelectuais seria um caminho à ascese espiritual.

<sup>6</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, pp 33.

<sup>7</sup> De acordo com Boccaccio, Dante encontrou Beatrice em duas ocasiões: a primeira aos oito anos de idade, a segunda aos dezoito. Os dois têm a mesma idade, com poucos meses de diferença. Às vésperas do 25º aniversário, Bice Portinari falece. BOCCACCIO, *Trattatello in laude di Dante*, c.1450 EC (*V - Amore per Beatrice*, VI - *Dolore di Dante per la morte di Beatrice*).

<sup>8</sup> Jacques Le Goff esclarece o conceito de floresta no imaginário medieval: fisicamente, é um lugar mágico e sombrio, habitado por sujeitos tanto venerados quanto temidos, retiro para ladrões e santos; espiritualmente, exercia a função de “deserto da alma”. LE GOFF, Jacques. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. São Paulo: Edições 70, 1985, pp 37-38.

<sup>9</sup> *Lonza*, na versão original. Alguns tradutores optaram pela utilização de *leopardo* ou *onça* neste trecho; manteve o termo empregado na tradução de Cristiano Martins, *pantera*. Conforme o *Bestiario toscano*, “*Loncia è animale crudele e fiera, e nasce de coniugimento carnale de leone com lonça, o vero de leopardo com leonessa; e cussi nasce lo leopardo*” (A *pantera* é um animal cruel e orgulhoso que nasce da conjunção carnal entre leão e onça, ou ainda entre leopardo e leoa; assim nasce o leopardo). CREMASCOLI, Ferdinando. *Percorsi de lettura: la Divina Commedia*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1997, pp 8.

<sup>10</sup> Para certos estudiosos, a pantera representa tanto a luxúria quanto Florença; o leão, a soberba e a violência por um lado, e a Casa de França, por outro; a loba, a avareza e a Cúria Romana (aliada, então, à Casa de França). Cf CREMASCOLI, *op cit*, pp 8-9.

O relato da jornada de Dante e Virgílio ao *Inferno* descreve a cartografia precisa de um universo cujos elementos pairavam sobre o imaginário cristão-europeu desde meados do século XII.<sup>11</sup> Logo, a *Commedia* de Alighieri foi um monumental produto desse movimento cultural, unindo em seus versos preceitos católicos (como pecados e punições) à tradição clássica (morada subterrânea das almas, ética aristotélica). Num mundo pouco explorado fisicamente, onde a comunicação era restrita e muito se andava pelos mesmos trajetos, a imaginação dispunha de grande margem para criar lugares fantásticos, suspensos entre a existência real e a ideal – caso das descrições da África subsaariana e da Ásia presentes em relatos como o de Marco Pólo e Sir John Mandeville,<sup>12</sup> por exemplo.

Os símbolos empregados ao longo de sua obra, pois, extravasam o plano poético: da *Vita Nuova* à *Monarchia*, Dante embasa seu discurso entre uma simbologia altamente erudita e elementos de domínio popular, garantindo tanto a coesão retórica de seus escritos como sua acessibilidade às diferentes camadas da sociedade. Assim, esta pesquisa se propõe à análise de excertos do *Inferno* e da *Monarchia*, objetivando identificar na narrativa dantesca os ecos resultantes de suas atividades e ideais políticos, crenças e tendências filosóficas.

---

<sup>11</sup> BASCHÊT, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006, pp 394.

<sup>12</sup> LABARGE, Margareth W. *Viajeros Medievales: los ricos y los insatisfechos*. Madrid: Editorial Nerea, 2000, pp 28.

## I – Florença

No plano político, o século XIII na região norte-italiana caracteriza-se pela disputa do poder entre o Sacro Império Romano Germânico e o Papado. Ainda que os conflitos mais acirrados tenham ocorrido entre fins do século XIII e início do XIV, suas origens remontam à chamada “querela das investiduras” do século XI, quando o papa Gregório VII proíbe o soberano Henrique IV de investir bispos com anel e cruz, por um lado, e estimula seus súditos à desobediência, por outro.<sup>13</sup> Henrique IV, por sua vez, apoia a eleição de um anti-papa.<sup>14</sup>

Na região da península itálica, o século XIII é marcado pela rixa política entre *guelfos* e *gibelinos*. Grosso modo, aqueles que apoiaram o Sacro Império Romano-Germânico (em geral, comerciantes oriundos da burguesia nascente) foram chamados *gibelinos*, e os partidários do Papado (integrantes de famílias de ascendência ligada à nobreza - muitas vezes decadente), *guelfos*. A formação de tais facções ocorre ao longo do século XII.

Em Florença, os guelfos constituiriam a força política dominante a partir da década de 1260, após a derrota dos exércitos gibelinos de Hohenstaufen em Benevento (1265-66) e Tagliacozzo (1268) pelas tropas de Carlos d’Anjou. Até o final do século XIII, os guelfos da região toscana se dividiriam entre *brancos* e *negros*: enquanto os últimos (liderados pela família Donati) estavam intimamente comprometidos com os interesses do Papado e das famílias florentinas dominantes, os brancos (liderados pelos Cerchi) sustentavam uma postura moderada, inclinada à autonomia da Comuna quanto ao domínio do pontífice católico.

A família Alighieri esteve envolvida nos acontecimentos políticos florentinos desde o começo do século XIII. Já quando Durante Alighieri - com idade inferior a um ano - foi batizado, alguns familiares seus cumpriam pena de exílio. O ano era 1266; 35 anos mais tarde, o próprio Dante seguiria pelo mesmo caminho (e além).

---

<sup>13</sup> ARNALDI, G. Verbete: “Igreja e Papado”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002, v I, pp 577.

<sup>14</sup> Em setembro de 1122, o pontífice Calisto II e o imperador Henrique V estipularam novo acordo: doravante caberia ao imperador a investidura pelo cetro, e ao papa a investidura com anel e cruz. Tal medida, porém, não bastou para encerrar os conflitos, que prologar-se-iam ao longo dos séculos XIII-XIV.

Conquanto os guelfos florentinos dividiram-se em brancos e negros, a família Alighieri esteve ligada à facção dos guelfos negros. Dante, porém, desenvolveu sua carreira política ao lado dos brancos - provavelmente pela influência de amigos do círculo letrado como Bruneto Lattini, filiado aos guelfos brancos.<sup>15</sup>

Dante Alighieri despontou no conturbado cenário político florentino em 1295; magistrado eleito em assembleia, desempenhou atividades como embaixador de Florença noutras cidades da península. O auge de sua carreira política foi o período compreendido entre 15/06 e 15/08 de 1300, quando eleito foi *priore* - magistratura máxima do Conselho da Comuna florentina. Durante esse breve período, posiciona-se favoravelmente ao exílio de sete líderes extremistas de ambas as facções, a fim de facilitar o processo de pacificação na região; e manifesta em assembleia, completamente sozinho, oposição ao pedido de ajuda militar do papa Bonifácio VIII, que havia solicitado apoio à Comuna na luta contra os Aldobrandeschi.<sup>16</sup>

Nessa época ainda, os guelfos brancos condenam ao exílio outro grupo de indivíduos simpatizantes da facção negra; estes, por sua vez, intercedem pela ajuda do papa. Atendendo à solicitação do pontífice, que decide apoiar os guelfos negros florentinos, Carlos de Valois (irmão do rei francês Filipe IV, o Belo) cerca os portões da cidade em novembro de 1301.

Diante de tal situação, Dante vai a Roma para se reunir em missão de embaixada junto ao papa Bonifácio VIII; enquanto o sumo-pontífice o mantém “preso”, os negros tomam o poder em Florença com ajuda dos emissários de Carlos de Valois. Quando Alighieri consegue deixar Roma, descobre (já nos arredores da Toscana) as acusações feitas contra si e a pena que lhe foi imposta. Dessa maneira, a breve atuação de Dante na vida política da cidade é encerrada em 1302, com sua condenação ao exílio.

---

<sup>15</sup> Brunetto Latini (c.1220 - 1294) esteve exilado entre França e Aragão durante sete anos. Retornou a Florença em 1266, após a vitória de Carlos d'Anjou em Benevento. Daqui até o fim do século, sua participação na vida política florentina será significativa, chegando a exercer a função de *priore* em 1287. Figura no sétimo círculo do *Inferno* (canto XV), junto aos violentos contra a natureza. Enquanto esteve exilado escreveu o *Tesouro*, espécie de espelho de príncipe redigido em francês neolatino dividido em três livros: um sobre teórica, um sobre ética e outro sobre política - o qual inclui uma arte retórica e um manual de podestade. Na sequência, escreveu ainda o *Favolello* e o poema alegórico *Tesoretto*. Cf MONTENEGRO, Ana Cristina Celestino. *O Tesouro de Brunetto Latini: estudo e tradução do prólogo e da retórica*. São Paulo: USP - dissertação de mestrado, 2010.

<sup>16</sup> Os Aldobrandeschi possuíam vasta extensão de terras no sul da Toscana. Dentre seus membros destacam-se o papa Gregório VII e Guglielmo Aldobrandeschi. LEDDA, Giuseppe. *Profili di Storia Letteraria*. Bologna: Mulino, 2008, pp 121-127.

*Il Poeta* jamais retornaria a Florença. Ao referir-se a ela, transparece em suas linhas um misto de saudade adocicada e revolta ácida: muitas vezes, Florença é retratada como um local decadente, antro de vícios e pecados humanos. É da boca de um glutão que, no terceiro círculo, Dante e Virgílio ouvem as mais funestas “previsões”<sup>17</sup> sobre a cidade:

Ed elli a me: “La tua città, ch’è piena  
d’invidia sí che già trabocca il sacco,  
seco mi tenne in la vita serena.

Voi cittadini mi chiamaste Ciacco:  
por la danosa colpa de la gola,  
come tu vedi, a la pioggia mi fiacco.

E io anima trista non son sola,  
ché tutte queste a simil pena stanno  
per simil colpa”. E piú non fe’ parola.<sup>18</sup>

Mesmo que tenha deixado de atuar no cenário político florentino, sua carreira prosseguiria durante os próximos anos ainda, em ritmo menos acelerado - sendo progressivamente ofuscada pela fama advinda de seus versos. Assim, suas esperanças da busca pela eternidade recairiam, no transcurso das duas primeiras décadas do século XIV, sobre a literatura.

---

<sup>17</sup> Segundo Boccaccio, os primeiros esboços do *Inferno* foram escritos entre 1304-1308. De acordo com Erich Auerbach e outros críticos, a provável data de início da jornada dantesca é 07/04/1300, Quinta-feira Santa; nesse contexto, Ciacco teria *previsto* a queda dos guelfos brancos e a ascensão dos negros nos próximos anos. AUERBACH, Erich. *Dante: poeta do mundo secular*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, pp 92.

<sup>18</sup> *Inf*: VI, 49-57. “Tua cidade”, respondeu-me, “plena / de inveja, e mais que tens imaginado, / acostumou-me à vida farta e amena. / Ciacco por todos lá era eu chamado: / pelo vício da gula, miserando, / nesta chuva, que vês, vou mergulhando. / Mas não sou eu sozinho aqui penando; / sob um castigo igual todos estão, / por igual culpa.” E olhou-me, silenciando. Visando manter o padrão e a coerência poética, optei pela tradução de Cristiano Martins (cf. bibliografia citada) para todos os versos da *Commedia* analisados nesta monografia.

## II – Rumo ao *Inferno*

Ao retrazar a trajetória que teria levado Dante à redação da *Commedia*, Erich Auerbach afirma:

Quanto à natureza desse erro, que deve ter implicado o verdadeiro âmago do seu ser, uma vez que constitui o ponto de partida do grande poema, temos apenas a mais vaga das noções. (...) O melhor que temos a fazer (...) é aceitar o erro de Dante como um fato, mesmo que não possamos descobrir traço dele.<sup>19</sup>

Podemos supor que este erro tenha sido político, talvez sua decisão de apoiar o exílio das lideranças guelfas em 1300 - para além do proposto por Auerbach, que sugere que o erro tenha sido algo que o tenha afastado de Beatrice. Tal hipótese mostra-se improvável, visto que o casamento de Dante com Gemma Donati estava acertado desde 09 de janeiro de 1277.<sup>20</sup> Notemos que Gemma pertencia à família Donati, que encabeçava a facção dos guelfos negros. Outrossim, sua atividade política se inicia apenas em 1295, cerca de cinco anos após a morte de Beatrice; e dura pouco mais de seis anos, até o final de 1301.

A partir de então, ciente da má-reputação de exilado que antecederia seu nome aonde quer que fosse, Alighieri vê na literatura uma oportunidade para demonstrar sua inocência em relação aos acontecimentos recentes, bem como difundir seu novo ponto de vista político, que tendia agora aos ideais gibelinos - os quais seriam por ele enfatizados e reinterpretados na prosa latina do tratado *De Monarchia* (1311 ou 1318).

Ainda que num ritmo menos frenético que em fins do século XIII, os primeiros anos de exílio do poeta continuaram movimentados no plano político:

- o **27 de janeiro de 1302** - Dante Alighieri é acusado de *baratteria*<sup>21</sup> e outros crimes, condenado ao pagamento de multa e exílio de dois anos.

---

<sup>19</sup> AUERBACH, Erich. *Op cit*, pp 92.

<sup>20</sup> STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp 44. Sobre as datas supracitadas, ver cronologia do Anexo VII desta monografia.

<sup>21</sup> Aqui, o sentido do termo *baratteria* (cuja tradução literal é *venalidade*) é corrupção.

○ **10 de março de 1302** - Não tendo pago a multa estipulada, nova sentença é emitida: Dante é desapossado de seus bens materiais e condenado à morte em caso de retorno à Florença.

○ **13 de março de 1304** - Desloca-se entre diversas cidades e castelos da Toscana, a fim de reunir contingente militar suficiente para retomar Florença.

○ **Primavera de 1304** - O Papa Benedetto XI, sucessor de Bonifácio VIII, envia o cardeal Niccolò Degli Albertini como seu representante numa tentativa de propor anistia aos guelfos brancos exilados. Quem responde pela causa dos brancos é o próprio Dante, numa carta prudente de teor favorável aos intentos papais; entretanto, os negros incitam novo conflito armado, resolvido em julho de 1304 por meio de uma sangrenta batalha nos arredores de Florença.

A partir daqui, Dante se afastará da vida política florentina e dos guelfos brancos. Sem maiores questões políticas a lhe ocupar o tempo, pode se dedicar tanto a suas ambições pessoais quanto literárias; empobrecido, vaga de corte em corte prestando suas habilidades intelectuais a diversos senhores aliados, dos quais dependem agora seu sustento e proteção – como declarou, poucos anos depois, no *Convívio*:

Poi che fui piacere delli cittadini dela bellissima e famosissima figlia di Roma, Fiorenza, di gittarmi fuori del suo dolce seno (...), per le parti quase tutte alle quali questa lingua si stende, peregrino, quase mendicando, sono andato, mostrando contra mia voglia la piaga dela fortuna, che suole ingiustamente al piagato molte volte essere imputata.<sup>22</sup>

Mesmo afastado do exercício direto das atividades políticas, a esperança de anistia e retorno à Florença jamais abandonaria o coração do poeta.

○ **13 de abril de 1306** - Continuou sua peregrinação entre as cidades da península itálica; iniciou e abandonou a redação de *Il Convívio* e *De Vulgari Eloquencia* (que serão retomados posteriormente).

○ **Outono de 1310** - Escreve a *Epistola V Agli sceleratissimi Fiorentini que viva tra le mura di Firenze* (*Aos excelentíssimos Florentinos confinados entre os muros de Florença*), destinada aos senhores da Toscana. Nela, anuncia a chegada de Henrique VII como restaurador da paz; para tanto, recorre ao emprego de uma

---

<sup>22</sup> *Conv I: III, 3-5. “Fui prazerosamente um dos cidadãos da belíssima e famosíssima filha de Roma, Florença, até ser expulso de seu doce seio (...), e por quase todo o território até onde esta língua alcança, peregrino quase mendicante eu ando, mostrando contra minha vontade a ferida da fortuna a flagelar injusta e constantemente aos feridos sobre os quais foi imposta.”* (tradução livre)

linguagem rica em referências bíblicas, num tom que beira ao profético. A epístola - que resultaria na exclusão do nome de Dante da relação de anistiados proclamada em setembro de 1311 - não foi bem recebida pelos adversários políticos de Henrique VII, sobretudo em Florença - o que inspira nova epístola.

- **31 de março de 1311** - *Epistola VI*, direcionada ao imperador Henrique VII - com quem o poeta teria mantido estreito relacionamento entre 1310-1312 - e sugerindo que avançasse com suas tropas sobre Florença, o “tumor” da guerra civil toscana. De fato, Henrique VII investe contra a cidade no outono de 1312<sup>23</sup>, mas o “sonho imperial” de Dante (do qual o mesmo viria a ser protagonista) se desvanece em agosto de 1313, com a morte súbita do imperador.

- **1315** - Após a morte de Henrique VII, Florença concede nova chance de anistia aos exilados - refutada por Dante, que julga a multa pesada e suas condições humilhantes, negando-se a assumir a culpa pelos atos corruptos dos quais foi acusado; tal opção reafirma sua sentença à morte.

---

<sup>23</sup> Dante não se envolve diretamente no conflito.

### III - Henrique VII

Através da análise de referências contidas nas obras que constituem o objeto de pesquisa desta monografia e dos dados historiográficos condizentes aos eventos decorridos no início do século XIV, é seguro afirmar que, para Dante, *Inferno* é o período compreendido entre junho de 1300 e janeiro de 1302 - quando passa da *selva oscura* ao declínio político, ocasião retratada alegoricamente anos mais tarde nos versos *Inf: I, 1-12 da Commedia*:

Nel mezzo del cammin di mostra vita  
mi ritrovai per una selva oscura  
che la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura  
esta selva selvaggia e aspra e forte  
che nel pensier rinova la paura!

Tant'è amara che poco è più morte;  
ma per tratar del ben ch'i' vi trovai,  
dirò del'altre cose ch'i' v'ho scorte.

Io non so bem ridir com'i' v'entrai,  
tant'era pien di sonno a quel punto  
che la verace via abandonai.<sup>24</sup>

Em pouco mais de um ano, Durante Alighieri cairia de prestigiado magistrado a exilado político. Longe de Florença, suas crenças políticas passariam por uma reformulação gradual: do apoio moderado ao Papado (cujas evidências podem ser observadas até 1304, quando redige em nome dos guelfos brancos a carta-resposta ao Papa Benedetto XI, inclinada à reconciliação com o pontífice), seu discurso mudará de uma posição favorável à monarquia (*Epistola VI*, enviada a Henrique VII em 1311), até servir finalmente à defesa aberta do Império (*De Monarchia*, 1318).

---

<sup>24</sup> “A meio do caminho desta vida / achei-me a errar por uma selva escura, / longe da boa via, então perdida. / Ah! Mostrar qual a vi é empresa dura, / essa selva selvagem, densa e forte, / que ao lembrá-la a mente se tortura! / Ela era amarga, quase como a morte! / Para falar do bem que ali achei, / de outras coisas direi, de vária sorte, / que se passaram. Como entrei, não sei; / era cheio de sono àquele instante / em que da estrada real me desviei.”

De fato, o Canto I do *Inferno* começa pouco antes do ápice da vida política de Dante (15/06 - 15/08), na Quinta-feira Santa de 07 de abril de 1300, ano em que o papa Bonifácio VIII introduz a prática do jubileu aos fiéis católicos.<sup>25</sup>

Assim como a posição política do poeta se alterou com o passar dos anos - da juventude guelfa à velhice com tendências gibelinas -, assim também se alterou (para pior) o teor das condenações que lhe foram impostas: do exílio de dois anos (1302), sua situação se agravaria à condição de herege (1315), sob pena de queima em praça pública em caso de retorno a Florença.<sup>26</sup>

Estas mudanças são visíveis na *Commedia*, que coloca até mesmo membros da alta hierarquia eclesiástica - como o próprio papa Bonifácio VIII (1294-1303), seu antecessor Celestino V (eleito sumo-pontífice em 1294, abdica nesse mesmo ano) e seu sucessor Clemente V (1305-1314) - no *Inferno*, enquanto imperadores romanos (e romano-germânicos) figuram no *Paradiso* de Dante - dentre os quais, Henrique VII. Coroado Rei da Germânia em 1308, Henrique VII ascende ao trono do Sacro Império Romano-Germânico em 1312,<sup>27</sup> vindo a falecer em agosto de 1313.

Dante alude ao imperador diversas vezes no *Purgatorio* como o salvador da tradição ocidental; entretanto, a “previsão” da traição de Henrique VII pelo papa Clemente V é feita por Beatrice no Canto XXX do *Paradiso*:

E ‘n quel gran seggio a che tu li occhi tieni  
per la corona che già v’è sù posta,  
prima che tu a queste nozze ceni,

sederà l’alma, che fia giù agosta,  
de l’alto Arrigo, ch’ a drizzare Italia  
verrà in prima ch’ ella sai disposta.

(...)

E fia prefetto nel foro divino  
allora tal, che palese e converto  
non anderà com lui per un cammino.<sup>28</sup>

Durante o pontificado de Clemente V ocorre a mudança da Santa Sé para a cidade de Avignon, no sul da França - com ajuda de Filipe o Belo e Carlos d’Anjou

---

<sup>25</sup> Maiores detalhes sobre o jubileu são fornecidos no capítulo VIII desta monografia.

<sup>26</sup> Cf. ESPOSITO, Enrico (2010).

<sup>27</sup> Henrique VII, proveniente da dinastia de Luxemburgo

<sup>28</sup> *Pard*: XXX, 133-138 e 142-144 “O sólio que contemplos, encimado / de uma coroa, a Henrique se assegura / - antes que a núpcias tais seja chamado - / o qual, chegando à suma investidura, / sacudirá a Itália, mas em vão, / pois a achará hostil e não madura. (...) Alguém, alçado à cátedra sagrada, / fingirá, com enganos e artifício, seguir com ele pela mesma estrada.”

O papa teria fingido apoiar Henrique VII em sua expedição à Itália (1310), enquanto na realidade estaria estimulando em toda parte a resistência contra ele.

No decorrer do século XIV - caracterizado pela crise localizada do sistema feudal que lançaria as bases das futuras monarquias absolutistas européias<sup>29</sup> - os interesses de guelfos e gibelinos se aproximam: os florentinos, tradicionalmente guelfos, tanto se inclinariam aos ideais gibelinos que, em 1355 declarar-se-iam *fidelis Imperii*, reconhecendo a Carlos IV de Luxemburgo como imperador, solicitando para seu domínio um vicariato de Império.<sup>30</sup>

Se a *Epistola VI* escrita por Dante em 1311 já apresenta um caráter mitoprofético, os símbolos por ele empregados na prosa da *Monarchia* servirão como seu principal alicerce retórico. Tal como em seu poema épico, as referências ao número 3 se farão presentes com frequência ainda maior no tratado político.

---

<sup>29</sup> A crise do século XIV “Preparou a monarquia francesa de Carlos VII e Luís XI, a realeza inglesa dos Tudor, a unificação espanhola sob os reis católicos, o advento um pouco por toda a parte, mas especialmente na Itália, do ‘príncipe’”. LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2005, pp 102.

<sup>30</sup> GUENÉE, Bernard. *Op cit*, pp 58.

## IV – Símbolos de representação política

Por seu posicionamento abertamente contrário ao poderio temporal que a Igreja Católica vinha acumulando, Dante Alighieri foi considerado, além de exilado político, herético.

*Il Poeta* demonstra a sua maneira a ira em relação às pretensões do Papado: como já foi dito, os pontífices Bonifácio VIII e seu antecessor Celestino V encontram-se no *Inferno* de Dante. Ademais, há uma referência direta aos eventos ocorridos em Florença no Canto VI de cada um dos três livros que compõem a *Commedia*: no *Inferno*, Ciaccio menciona o caráter pecaminoso da cidade, “*piena d’invidia*” (*Inf*: VI, 49-50); no *Purgatorio*, é o próprio poeta quem se refere à Itália como “*non donna di provincie, ma bordello!*”<sup>31</sup> (*Purg*: VI, 80); no *Paradiso* (VI, 32-33), é um imperador<sup>32</sup> quem fala sobre aqueles que se movem “*contr’al sacrosanto segno / e chi ‘l s’appropria e chi a lui s’oppone*”<sup>33</sup>. Ou seja: o imperador Justiniano alude aos inimigos atuais (no ano de 1300) do Império (“a águia sagrada”), quer por desafiá-lo abertamente (guelfos), quer por tentar usurpá-lo (gibelinos).

Faccian li Ghibellin, faccian lor arte  
sott’altro segno, ché mal segue quello a parte,  
sempre chi la giustizia e lui diparte;

e non l’abbatta esto Carlo novello  
coi Guelfi suoi, ma tema de li artigli  
ch’a più alto leon trasser lo vello.<sup>34</sup>

Em períodos de agitação política e disputas entre facções rivais pelo domínio do poder, o exílio é uma punição relativamente comum – uma maneira prática

---

<sup>31</sup> “dona de reinos, não, mas de bordel”. Ainda no Canto VI do *Purgatorio*, Dante lamenta que o Império ocidental não tenha seguido os preceitos propostos durante o governo de Justiniano; no Canto VI do *Paradiso*, a alma do imperador falará ao poeta sobre as glórias de Roma.

<sup>32</sup> O imperador romano Justiniano ascendeu ao trono em 527 EC. Apresenta-se no *Pardadiso* (VI, 10-11) desta maneira: *Cesare fui e son Iustiniano, / che, per voler del primo amor ch’i’ sento* (“César eu fui, e sou Justiniano; pela divina graça iluminado”)

<sup>33</sup> *Pard*: VI, 32-33: “de quem se move contra a águia sagrada, / por desafio, ou por usurpação”.

<sup>34</sup> *Pard*: VI, 103-109: “Escolha o Gibelino outro estandarte, / pois que não pode à águia se elevar / quem do justo e do bem já não comparte. / Guarde-se o novo Carlos de a atacar / pelos seus Guelfos, que o esporão afiado / a mais forte leão já fez sangrar.”

de resolver (ainda que temporariamente) as desavenças. Na ocasião em que foi condenado ao exílio, outros 600 indivíduos receberam tal punição junto com Dante.<sup>35</sup>

É, pois, a partir do século XIV que alguns monarcas europeus acumularão um número cada vez maior de jurisdições sob sua tutela. Duzentos anos após Dante ter escrito *su capolavoro*, Niccolò Machiavelli, na mesma Florença - não menos conturbada que outrora - inspira-se na obra de seu conterrâneo para compor seu espelho, *Il Principe. Il Poeta*, por sua vez, anunciou suas influências pelas palavras do próprio Virgílio - transformado em personagem, exerce a função de mestre na *logos*<sup>36</sup> dantesca.

Mais que inspiração formal, Virgílio também lhe serviu como alento moral: simboliza o esplendor do Império Romano em seu auge - a história doutra época distante e admirada, a épos narrativa dos feitos passados no mesmo *loco*<sup>37</sup> que ele próprio, mesmo estando exilado, já teria sentido sob os próprios pés. Eis sua grande motivação, tanto para a redação da *Commedia* quanto da *Monarchia*.

*Firenze* floresceu graças ao comércio, pois estava estrategicamente situada na rota entre Pisa, Bolonha e Roma.<sup>38</sup> Nesse período em que as disputas entre Império e Papado ocorreram com maior frequência, entretanto, “o passado começou a parecer fantasmagórico e o futuro pareceu requerer uma nova maneira de enfrentar os problemas práticos da luta pelo poder”.<sup>39</sup>

Assim, Dante estrutura seu tratado político em três livros: *I - Necessidade da Monarquia; II - Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império; III - O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus*. Estes são os argumentos centrais da obra, por meio dos quais expressa “a esperança quase apocalíptica dos gibelinos, seguros de que um imperador justo e sábio voltaria para impor a ordem e a paz no convulsionado mundo que promoviam, direta ou indiretamente, as novas burguesias”.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> Cf AUERBACH, *op cit*, pp 97: “Os negros tomaram o poder e se vingaram dos inimigos. Com mais de 600 brancos, Dante foi condenado *in absentia* (27/01/1302) ao banimento (por dois anos); e a uma pesada multa de 5.000 florins ‘pequenos’.”

<sup>36</sup> Cf Dicionário Michaelis: “Na filosofia de Platão, a razão como manifestação ou emanção do ser supremo. Na filosofia de Heráclito e dos estóicos, o princípio racional que governa e desenvolve o universo. Na teologia cristã, o verbo de Deus, Cristo, segunda pessoa da Santíssima Trindade.”

<sup>37</sup> *Épos* = epopéia / *loco* = local

<sup>38</sup> Cf anexo I desta monografia.

<sup>39</sup> ROMERO, José Luis. *Crise e Ordem no Mundo Feudoburguês*. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005, p 173.

<sup>40</sup> ROMERO, *op cit*, p 174.

## V – O sonho *Da Monarquia*

Na introdução do capítulo I da *Monarchia*, Dante explica o que viria a ser a “Monarquia temporal ou Império”, propondo as três questões acerca da legitimidade desse sistema que serão desenvolvidas especificamente em cada um dos capítulos aos quais dão nome.

### 1. Necessidade da Monarquia

Como um patriarca comanda sua família, *um* deve comandar os súditos (a família humana); “(...) tal chefe deverá chamar-se o monarca ou imperador”.<sup>41</sup> A exemplo das partes - que só encontram sua perfeição quando unidas num todo -, cada membro da família de Deus (na esfera privada) e cada reino (na esfera política) deverão se unir sob a jurisdição do monarca, príncipe humano - representante corpóreo do príncipe do universo, que é Deus.

Para tanto, o *princeps* terreno deverá estar intelectualmente ordenado, de modo a representar um espelho do divino, elevando-se acima de outros reis e príncipes com o único fim de promover paz e justiça no mundo. Tal como nas esferas celestes, que se harmonizam sob a regência do motor uno (Deus), a humanidade encontraria a paz sob o governo do monarca.

### 2. Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império

O Império Romano teria feito suas conquistas territoriais com apoio do Direito - e não de seus exércitos. Logo, a grandeza romana seria resultado de obra da Divina Providência, pois a natureza

---

<sup>41</sup> *Mon*: I, V.

de fato, existe na mente do primeiro motor que é Deus; existe no céu, que é como que o órgão material mediante o qual uma imagem da bondade eterna se imprime na matéria fluida. (...) Se os defeitos existem, estão fora da intenção de Deus naturante e do céu. (...) De tudo resulta que o direito, porque é um bem, existe primeiro na mente divina.<sup>42</sup>

O que é “querido por Deus” deve ser reconhecido como direito, pelas manifestações de seus sinais; então, o povo romano teve direito ao poder “por ser o mais nobre”. Por um lado, Dante recorre à tradição mitológica para justificar a nobre ascendência romana; por outro, menciona os milagres que teriam ajudado o Império a “atingir a perfeição”. Uma vez que o direito visa ao bem do homem (República), a expansão imperial do povo romano visava ao desenvolvimento do bem público.

O Direito é indispensável à manutenção da “ordem natural” das coisas, hierarquizando os seres “conforme as faculdades destes”. Misturando trânsitos astrológicos ao argumento aristotélico de que alguns povos nasceram para o comando, outros para serem governados, Dante alega que “conquistando o universo, chegou o povo romano legitimamente ao Império”.<sup>43</sup>

### 3. O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus

A verdade - que ora se nos revela, ora nos é oculta - pode ser encontrada por meio da fé, ou pela razão. Um dos “juízos ocultos de Deus” é a revelação, que se manifesta na luta de forças antagônicas ou na disputa de vários por uma só bandeira ou causa.

Se as tradições da Igreja são posteriores à Igreja, não promana a autoridade da Igreja das tradições, mas, ao contrário, são as tradições que se autorizam com a Igreja. Aqueles que apenas querem contar com as tradições devem ser, já o dissemos, excluídos da arena. Aqueles que demandam a verdade que temos por objeto deverão fundar os seus raciocínios naquelas coisas de que mana a autoridade da Igreja.<sup>44</sup>

São estes, pois, os três argumentos que sustentam o tratado político-teológico de Dante Alighieri. Para além de servirem como base à *Monarchia*, são

---

<sup>42</sup> *Mon:* II, II.

<sup>43</sup> *Mon:* III, VII.

<sup>44</sup> *Mon:* III, III.

questões centrais ao longo de toda sua obra literária - foram, pois, estas crenças que buscou empenhadamente transmitir à humanidade.

## VI – Danação: os heróis no *Inferno*

A jornada de Dante ao além se inicia num momento peculiar: a alusão ao “cair da noite” remete ao ambíguo conceito de *acedia*, presente tanto no *Inferno* quanto no *Purgatorio* da *Commedia*. *Acedia* é preguiça, mas também tristeza e pesar, melancolia e talvez loucura.<sup>45</sup>

Desta forma, a *acedia* pode tanto ser uma referência ao estágio em que uma idéia existe apenas em pensamento (e a ação necessária para executá-la é repetidamente postergada), como o pesar advindo de ausências e carências (tanto materiais quanto espirituais). Faz sentido que o poema tenha início nesse ponto, uma vez que a primeira situação pode ter sido o período transcorrido até que Dante começasse, efetivamente, a traçar sua jornada literária - o que ocorre somente após o exílio; e a segunda, como referido na *Vita Nuova*, teria sido a morte de Beatrice.

Depois que ela partiu deste mundo, ficou toda a supradita cidade [Florença] como que viúva despojada de toda dignidade.

(...) Depois que meus olhos choraram algum tempo, e estavam tão fatigados que não mais podiam desafogar a minha tristeza, pensei querer desafoga-la com algumas palavras dolorosas; propus-me, então, escrever uma canção na qual, chorando, falasse dela, para quem tanta dor se transformara em destruidora da minha alma.<sup>46</sup>

Tal estágio poderia evoluir para duas possíveis soluções: a perda dos desejos intrínsecos à alma, caracterizado pela completa indiferença; ou o ponto de partida de uma fase necessária, a qual deveria ser ultrapassada por aqueles que desejassem atingir o “real amor” por todas as coisas.<sup>47</sup> Para descrever uma viagem cujo propósito final visava à ascensão de um extremo a outro (espiritualmente - da situação caracterizada como *Inferno* àquela idealizada como *Paradiso*), Dante empregou

---

<sup>45</sup> TAMBLING, Jeremy. Dreaming the Siren: Dante and Melancholy. In: *Forum for Modern Language Studies*, N° 40 (2004), p 58. Sobre os turnos do dia descritos na *Commedia*, ver p. 34 desta monografia.

<sup>46</sup> VN: XXX - XXXI

<sup>47</sup> Cf TAMBLING, *op cit*: “Virgil describes the loss of desire from within, it’s replacement by indifference. (...) *Inferno’s accidiosi* have no self-image, but this makes them vicious to others as though attempting to assert some form of subjectivity; in *Purgatorio*, they are trying to feel something.” (“Virgílio descreve a perda do desejo interior, sua substituição pela indiferença. (...) Os *acidiosos* do Inferno não têm auto-imagem, mas isso os torna viciosos embora tentem afirmar alguma forma de subjetividade; no *Purgatorio*, eles estão tentando sentir alguma coisa.” - tradução livre)

diversos símbolos tomados de empréstimo à mitologia clássica, personagens que desempenham suas ações numa topografia concebida conforme o imaginário cristão característico da Idade Média tardia.

Entre os gregos, o *symbolon* era um sinal de reconhecimento, representado pelas duas metades de um objeto dividido por duas pessoas. O símbolo representava um contrato. Era a referência a uma unidade perdida, lembrando e nomeando uma realidade superior e oculta. No pensamento medieval, “cada objeto material era considerado como a figuração de alguma coisa que lhe corresponderia num plano mais elevado e tornava-se, deste modo, seu símbolo”. (...) Tratava-se sempre de encontrar chaves que abrissem as portas do mundo sagrado, o mundo verdadeiro e eterno, aquele onde se podia encontrar a salvação. Os atos devocionais eram atos simbólicos pelos quais se procurava o reconhecimento divino e se pretendia obrigar Deus a cumprir o contrato com ele estabelecido.<sup>48</sup>

Ao colocar-se como personagem principal de uma jornada iniciada na metade de sua vida<sup>49</sup>, torna possível a descrição verossímil de uma trajetória onde as figuras encontradas ao longo da trama representam tanto seu próprio passado quanto situações arquetípicas da condição humana. Logo no começo da narrativa, fazem-se presentes três elementos característicos dos mitos heróicos: a tentativa de ascensão (ao reluzente monte), seu empecilho (os animais barrando o caminho) e o guia que lhe presta auxílio (Virgílio).<sup>50</sup>

Assim, o recurso alegórico necessário para que Dante pudesse figurar como narrador e personagem principal teria sido, pois, o emprego de uma espécie de duplo seu,<sup>51</sup> que parte rumo a outro reino e retorna após obter o aprendizado almejado, necessário à ascensão inicialmente pretendida. Através do Amor, seria possível traçar a base de um triângulo (a linha que uniu Dante à Beatrice), cujo vértice só poderia ser encontrado no além.

Seja como for, no Canto XXVI, ao longo da descida até o Nonno Círculo, Dante depara-se com outro “viajante”: numa chama dupla que divide com seu inse-

---

<sup>48</sup> LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, pp 331-32.

<sup>49</sup> Em 1300, Dante contava 35 anos.

<sup>50</sup> Cf CAMPBELL, Joseph. *El héroe de las mil caras: psicoanálisis del mito*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959, p 28; JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2007, pp 226-236. O duplo, então, seria um outro si mesmo – reconhecido pela sensação de estranhamento capaz de causar. Dante reconhece em Ulisses similaridades com sua própria jornada, visto que em sua narrativa Florença assume o papel desempenhado outrora por Tróia e Roma nas obras de Homero e Virgílio, respectivamente.

<sup>51</sup> Para os medievais os mortos não eram sombras dos vivos, mas o contrário. Cf BASCHÊT, *op cit*, pp 396. Ver capítulo III da obra citada, *A Lógica da Salvação* (especificamente as pp 387-396, *Doutrina e relatos do além*).

parável amigo Diomedes, está Ulisses. Considerando que outras personagens que, de acordo com a tradição mito-histórica clássica, também estiveram envolvidas nos ardis aqueus - Heitor e Enéias; Helena, Páris e Aquiles - foram locadas no Limbo (virtuosos anteriores a Cristo) e no Segundo Círculo (luxuriosos), respectivamente, este é um dos piores castigos do *Inferno* - e aflige justamente a dois heróis secularmente famosos. Virgílio explica que recebem tal punição pelas mentiras que culminaram na tomada de Tróia, fato que também teria dado origem à lendária fundação de Roma; Dante diz que deseja ouvir o que eles têm a dizer, ao que é advertido por seu mestre: que não lhes dirija a palavra, “Lascia parlare a me, (...) ch’ei sarebbero schivi, / perch’e’ fuor greci, forse del tuo detto”.<sup>52</sup> Quem responde às indagações de Virgílio, pois, é Ulisses:

(...)  
come fosse la língua che parlasse,  
gittò voce di fuori, e disse: “Quando  
  
mi diparti’ da Circe , che sottrasse  
me più d’un anno là presso a Gaeta,  
prima che sí Enea la nomasse,  
  
né dolcezza di figlio, né la pièta  
del vecchio padre, né ‘l debito amore  
lo qual dovea Penelopé far lieta,  
  
vincer potero dentro a me l’ardore  
ch’i’ ebbi a divenir del mondo esperto,  
e de li vizi umani e del valore;  
  
ma misi me per l’alto mare aperto  
sol com un legno e com quella compagna  
picciola da la qual non fui disertò.”<sup>53</sup>

Eis, pois, a situação em que Dante depara-se com uma “versão negativa” sua: o herói que, tendo cumprido seu propósito, perde-se nas andanças pelo mundo - perdendo, conseqüentemente, seu próprio rumo na vida até o dia em que, anônimo

---

<sup>52</sup> *Inf*: XXVI, 73-75: “Que os interrogo, (...) pois que são gregos a sua esquivez / poderia mostrar-se à tua fala.” Ulisses e Diomedes, heróis da *Ilíada* e da *Odisséia*, foram condenados pelas artimanhas das quais foram cúmplices: o cavalo de Tróia, o rapto de Aquiles, o furto da estátua de Palas. Virgílio alude ao golpe do Cavalo de Tróia, que abriu as portas da cidade à entrada dos soldados gregos - e à fuga de Enéias, que chegaria até a Itália, fundando ali o que viria a ser o Império Romano.

<sup>53</sup> *Inf*: XXVI, 89-102: “(...) um som soprava, como que saído / de seu calor, e que dizia: “Quando / fugi de Circe, após quedar retido / mais de um ano em Gaeta enfeitçada, / antes que a houvesse Enéias conhecido, / nem de meu filho olhar, nem a extremada / velhice de meu pai, nem mesmo o amor / de Penélope, ansiosa e apaixonada, / nada pôde abater o meu pendor / de ir pelo mundo, em longo aprendizado, dos homens perquirindo o erro e o valor. / Lancei-me ao mar, em lenho delicado, / junto à pequena e fraternal companha / pela qual nunca fui abandonado.”

e esfarrapado, ouve sua própria história sendo contada por Demódocos. Mesmo que a participação de Ulisses tenha sido decisiva na vitória sobre Tróia, suas mentiras, e sobretudo o prolongamento “desnecessário” da viagem de volta (cuja descrição ocupa os versos 103-142) teriam-no condenado ao castigo.

Descrevendo um *logo* onde até mesmo heróis consagrados e realizadores de grandiosos feitos estão sujeitos à danação eterna, o poeta revela duas sedutoras ameaças que rondaram sua própria trajetória: politicamente, mentiras e intrigas;<sup>54</sup> espiritualmente, o desvio do caminho de Deus, ladeado por toda sorte de tentações mundanas. A menção à Penélope, pois, serve como incentivo para Dante completar sua jornada - ao fim da qual estaria lhe esperando aquela que entreviu para que pudesse seguir seu caminho: Beatrice.

---

<sup>54</sup> Ver Cap. I desta monografia, sobre as intrigas entre guelfos brancos e negros e o apoio que o papa Bonifácio VIII teria fornecido a estes últimos.

## VII – O percurso filosófico

No contexto em que a *Commedia* foi escrita, os tratados filosóficos comumente eram redigidos sob a forma de *summa* - cujo assunto, em geral, tratava da luta pela harmonia universal. Na poética, predominava o *stil nuovo* - onde remanescentes dos ideais de cavalaria, refinados e espiritualizados, eram representados por versos em dialeto provençal. Nos 100 cantos de seu épico, Dante uniu o *stil nuovo* à *summa* (sobretudo a de Tomás de Aquino) da maneira como apenas um poeta poderia tê-lo feito, consagrando sua doutrina mística da salvação.

A *Comédia* é, entre outras coisas, um poema didático enciclopédico, no qual são apresentadas conjuntamente as ordens universais físico-cosmológica, ética e histórico-política; é, também, uma obra de arte imitativa da realidade, na qual aparecem todos os campos concebíveis da realidade: passado e presente, grandeza sublime e desprezível vulgaridade, história e lenda, tragédia e comédia, homem e paisagem; é, finalmente, a história do desenvolvimento e da salvação de um único homem, Dante, e, como tal, uma história figurativa da história da salvação da humanidade em geral. Nela aparecem figuras da mitologia antiga, às vezes, mas não sempre, fantásticamente demonizadas; personificações alegóricas e animais simbólicos originários da Antigüidade tardia e da Idade Média; anjos, santos e beatos como portadores de um significado, do mundo do cristianismo; aparecem Apolo, Lúcifer e Cristo, Fortuna e a Senhora Pobreza, Medusa como emblema dos círculos mais profundos do Inferno e Catão de Útica como guardião do Purgatório.<sup>55</sup>

É bastante provável que parte da formação intelectual de Dante tenha se dado de forma autodidata: após a morte de Beatrice, estudou a fundo as obras de Cícero e Boécio. Antes disso, concluiu o *trivium* e o *quadrivium*<sup>56</sup>; após, teria frequentado o convento franciscano de Santa Croce, e o dominicano de Santa Maria Novella - onde pôde aprofundar seus conhecimentos sobre Teologia e Filosofia - além da Universidade de Pádua. Também há indícios de que teria estado, nos primeiros anos do século XIV, nas universidades de Bolonha e Paris.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, pp 161.

<sup>56</sup> O *trivium* e o *quadrivium* compunham aquelas que ficaram conhecidas como “as sete artes liberais” da tradição romana: o primeiro consistia de gramática (língua latina e literatura), retórica (estilística e história) e dialética; no segundo, aritmética, geometria (incluindo geografia), astronomia (com astrologia e física) e música.

<sup>57</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, pp 52-53.

Além de desenvolver suas alegorias poéticas conformes ao pensamento filosófico da época, Dante observou os significados contidos nas crenças numéricas e astrológicas<sup>58</sup> então predominantes. Para compor a estrutura cartográfica do *Inferno*, do *Purgatorio* e do *Paradiso* - que descreveria seu próprio sistema de crenças - fez uso de preceitos tomados de empréstimo a Tomás de Aquino, Ptolomeu e, sobretudo, Aristóteles - cuja ética serviu como base para a classificação dos pecadores ao longo dos nove círculos descendentes do *Inferno*.<sup>59</sup> Assim, resultam de sua obra três sistemas: um físico, um ético, e um histórico-político.<sup>60</sup> É interessante observar como o Purgatório foi adequado à cartografia descrita na *Commedia*, pois que sua instituição oficial ocorre apenas no ano de 1274, quando a Igreja Católica reconhece teologicamente sua existência.

Fisicamente, o globo terrestre ocuparia o centro do cosmos, girando ao seu redor as nove esferas celestes concêntricas e o Empíreo (a morada de Deus). Jerusalém encontra-se no centro da Terra,<sup>61</sup> em cujo interior está o Inferno, de formato afunilado.<sup>62</sup>

Para o poeta, o mistério da Sagrada Trindade poderia ser imaginado como três círculos de três diferentes cores, cada qual num plano diferente - mas *compostos por e unidos pela mesma substância*.<sup>63</sup>

Dio è rappresentato da tre circonferenze, Dante è rappresentato como il *geométra* che studia il cerchio: le due similitudine hanno la funzione di mettere in stretta relazione Dio creatore dell'Universo e Dante creatore della *Commedia* costruita, come il mondo, secondo criteri geometrici, numerologici e perciò armonici a riflettere, seppur imperfettamente, l'armonia del creato.<sup>64</sup>

---

<sup>58</sup> Até então, a diferença entre *Astrologia* e *Astronomia* não era clara; as duas grafias, muitas vezes, designavam o mesmo conceito.

<sup>59</sup> Sobre a classificação dos pecadores no *Inferno*, ver anexo V.

<sup>60</sup> AUERBACH, Erich. *Dante: poeta do mundo secular*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, pp 127-128.

<sup>61</sup> Cf COSTA, Ricardo. Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final. In: *Dimensões - Revista de História da UFES*. Nº 14, 2002, p 7: “Na concepção cosmológica medieval a Terra não era considerada um planeta e se encontrava na parte mais inferior e central da esfera sublunar, ou seja, no círculo mais baixo, no centro do Inferno – esse é o nome da Terra no *Ymago Mundi* de Gautier de Metz. A Terra era o próprio Inferno porque era o triste mundo das inconstâncias, das coisas confusas e que se alternam incessantemente.”

<sup>62</sup> Sobre a representação cartográfica do *Inferno*, ver anexos III e IV ao fim desta monografia; e GILBERT, Allan H. Can Dante's Inferno Be Exactly Charted? In: *Modern Language Association*, Vol. 60, Nº2, 2009, pp 287-306.

<sup>63</sup> Cf *Pard*: XXXIII, 115-17: “(...) *tre giri / di tre colori e d'una contenenza*”.

<sup>64</sup> MERCURI, Roberto. “*Commedia*” di Dante Alighieri. Torino: Einaudi, 1992, p 10. “Deus é representado por três círculos, Dante é representado como o *geômetra* que estuda o círculo: tal comparação tem a função de estreitar a relação entre o Deus criador do Universo e Dante, criador da *Commedia* construída, como o mundo, segundo critérios geométricos e numerológicos, cuja harmonia pretende refletir, ainda que imperfeitamente, a harmonia da criação divina.” (tradução livre)

Como contraponto, Lúcifer também é representado por três cores,<sup>65</sup> cada qual correspondendo a uma de suas cabeças. Em suas três bocas carrega Judas (traidor de Cristo), Brutus e Cássio (traidores de Júlio César).

Até mesmo a estrutura temporal se funde ao espaço geográfico criado pelo poeta. Assim, aos três livros que compõem a *Commedia* é possível associar os seguintes estados de espírito:

INFERNO - noite / desespero (*acedia*)

PURGATÓRIO - aurora / início da luz (esperança)

PARAÍSO - meio-dia / luz plena (iluminação)

Sempre preservando o número *três* como elemento central de sua poesia, Dante dividiu os 100 cantos de seu épico em três livros:

INFERNO - (canto I) + 33 cantos

PURGATÓRIO - 33 cantos

PARAÍSO - 33 cantos

Ao longo dos dois primeiros livros, seu guia é Virgílio; no terceiro, *Il Poeta* é guiado por Beatrice e São Bernardo.

---

<sup>65</sup> Amarelo, preto e vermelho - que aqui significam impotência, ignorância e ódio, mas quando associadas a propósitos divinos expressam sabedoria e amor. Cf WICKSTEED, P.H. Portraits and mask. In: *Aids to the study of Dante*. New York: The Houghton Mifflin Press, 1903, pp 159.

## VIII - Estrutura poética, ideais políticos

Entre os estudiosos da obra de Dante Alighieri, há divergências quanto à datação de seus escritos ao longo dos séculos. De acordo com Boccaccio, o *Inferno* teria sido escrito entre 1304-1308; o *Purgatorio*, 1308-1312; e o *Paradiso*, entre 1316-1321.<sup>66</sup> Quanto à suposta data do início da jornada poética ao além, há certo consenso, visto que são feitas várias referências a horários e posições planetárias ao longo da *Commedia*.

Dante refere que o início da narrativa seria o dia precedente ao aniversário da morte de Cristo (*Inf*: XXI, 112-114), cuja data comumente aceita é 07/04/1300. Além de ter sido um ano conturbado na vida de Dante (que estava prestes a atingir o ápice de sua carreira política em Florença, como *priore*), foi também o ano do jubileu - antiga prática judaica abandonada pelos cristãos à época do nascimento de Jesus, reinstituída pelo papa Bonifácio VIII através da bula *Antiquorum fide relatio*, de 22/02/1300.<sup>67</sup>

Ao transportar para datas anteriores os acontecimentos marcantes de sua própria trajetória e de toda a tradição filo-literata ocidental presente nas regiões sob direta influência das instituições romanas, Dante “podia descrever fatos passados, e atribuindo aos mortos o dom da profecia, podia falar de fatos posteriores àquela data sem se comprometer.”<sup>68</sup>

Como na *Monarchia*, a estrutura da *Commedia* também é enlaçada pelo número três. No imaginário cristão do ocidente medieval, o número três representa a mais variada gama de significados (veja-se a trindade Pai / Filho / Espírito Santo).

---

<sup>66</sup> Sobre a cronologia da vida de Dante, ver os quadros comparativos dos anexos V, VI e VII desta monografia.

<sup>67</sup> Cf. Lev 25:11-13: *Iobeleus erit vobis quinquagesimus annus. Non seretis neque metetis sponte in agro nascentia neque vineas non putatas vindemiabitis ob sanctificationem iobelei; sed de agro statim ablatas comedetis fruges. Hoc anno iobelei rediet unusquisque vestrum ad possessionem suam.* (“Esse quinquagésimo ano será para vós ano de jubileu; não semeareis, nem ceifareis o que nascer de si mesmo neste ano, nem colhereis nele as uvas da vinha não podada. Pois é ano de jubileu: santo será para vós; comereis o que o campo produzir nesse ano. Neste ano de jubileu voltareis cada um à sua possessão.” - tradução livre a partir da *Nova Vulgata*, cf bibliografia citada).

<sup>68</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p 65.

Como a obra visava à representação simbólica da ascensão espiritual de seu protagonista, as referências ao número 3<sup>69</sup> são constantes.

São 3 livros divididos em 33 cantos, somando 14.233 versos organizados em tercetos hendecassílabos, somando, pois, 33 sílabas encerradas em rima encadeada ABA/BCB/CDC/etc. Cada um dos livros é concluído com a palavra *stelle* (estrela).

Um terceto é uma espécie de tercina estruturada com melodia musical; assim, a *Commedia* poderia ser classificada como “uma grande canção tríplice”,<sup>70</sup> uma vez que as sociedades de tradição oral são marcadas pela memorização<sup>71</sup> de suas tradições folclórico-históricas. Considerando que a grande maioria da população europeia do século XIV era constituída por indivíduos analfabetos, Dante compôs seus versos pensando, também, na entonação com que poderiam ser declamados. Tal métrica, composta no dialeto toscano e lapidada à precisão, teria difundido entre as mais variadas camadas da população não apenas os ideais de tendência gibelina, como também a visão da geografia cristã pós-vida que começou a ser formulada por volta dos séculos X-XI.

Nas décadas posteriores à morte de Dante, quando a própria Florença já posicionava-se favoravelmente aos intuitos gibelinos, os ideais contidos nos versos de Dante foram cuidadosamente preservados pelo principal mantenedor de sua obra: Boccaccio.

---

<sup>69</sup> Outros números familiares aos iniciados na numerologia aparecem sob diversas formas ao longo da narrativa dantesca, principalmente o 7 e o 9. Sobre este assunto, ver MERCURI, *op cit*, cap 2: *Struttura*.

<sup>70</sup> MERCURI, *op cit*, p 15.

<sup>71</sup> Não raro, os gregos oriundos de várias camadas sociais sabiam recitar os versos de Homero; entre os celtas, os bardos encarregavam-se da transmissão da tradição mito-histórica.

## IX - Salvação: afirmação de uma língua presente

Em meados do século XIV EC, Florença contava cerca de 100.000 habitantes, circulando por seus portos mercadores de toda a região mediterrânea. Por volta de 1300, o dialeto toscano falado pelas ruas da cidade - ainda que de amplo uso no cotidiano falado, e já presente em certas poesias vernaculares - não era estudado nas escolas e universidades, como a gramática oficial latina.

Convém esclarecer que a minoria absoluta da população era alfabetizada (via de regra, clérigos, integrantes da nobreza e das elites urbanas italianas, alemãs e francesas). “Assim, inovações comuns na língua falada já aceitas, muitas vezes, até em situações formais de fala – não são, de imediato, aceitas na escrita, chegando, inclusive, a receber condenação explícita de gramáticos e de outros estudiosos.”<sup>72</sup> Numa época e local em que a linguagem se estrutura exclusivamente pelas palavras ouvidas, Dante dedicou longos anos de sua vida à composição de uma monumental epopéia experimental, fundadora daquela que é hoje a língua italiana.

Na *Commedia*, Dante preserva certas estruturas tradicionais do latim, transcrevendo-as à sua maneira para o dialeto toscano. Como demonstrado por Auerbach, o uso de interjeições como *Allor* e *O*, de uso recorrente na retórica latina, se faz presente em diversas intervenções, como na ocasião em que os poetas encontram Farinata degli Uberti:

“O tosco che per la città del foco  
vivo ten vai cosí parlando onesto,  
piacciati di restare in questo loco.

La tua loquela ti fa manifesto  
di quella nobil patria natio  
a la qual forse fui troppo molesto”.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> FARACO, C. A. *Lingüística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p 26.

<sup>73</sup> *Inf*: X, 22-27. “Ó Toscano, que vivo à intensidade / do fogo vens, melhor, honestamente, / será quedares cá nesta cidade! / Por teu acento vejo claramente / que da pátria procedes que foi minha, / e à qual males, talvez, causei somente.”

Devido à preferência de Alighieri pela redação na língua vulgar, a *Commedia* foi duramente criticada por muitos letrados contemporâneos que se opunham à abertura de certos conhecimentos considerados nobres demais à população iletrada. O grande continuador e difusor desse ideal de abertura cultural (bem como do mito que cerca toda a trajetória de vida de Dante) foi Boccaccio, biógrafo e comentarista de sua obra.

O *Trattatello in laude di Dante* (escrito entre 1351-1355, 20 anos após a morte do poeta) narra sua vida cronologicamente, unindo grandes feitos a outros tantos de tendência fantasiosa e mítica. Dessa forma, a imagem de Dante Alighieri que permaneceria no imaginário ocidental ao longo de sete séculos foi aquela pintada por Boccaccio - que sequer chegou a conhecer Dante pessoalmente.

Em sua biografia, antes de focar propriamente os fatos pessoais da vida de Dante, Boccaccio introduz os leitores no cenário: descreve Florença. Em seguida, narra o nascimento do poeta, seus estudos e dificuldades, o amor por Beatrice (e o sofrimento advindo de sua morte), a vida pública e as desavenças com os guelfos negros, o exílio, seu relacionamento com Henrique VII, seus anfitriões, sua dedicação aos estudos, a defesa da vulgarização poética, sua morte e a repercussão de sua obra.

Boccaccio conta brevemente a história do surgimento de Florença no mesmo capítulo em que descreve o nascimento de Dante:

Parva ala gentil donna nel suo sonno essere sotto uno altissimo alloro, sopra uno verde prato, allato ad una chiarissima fonte, e quivi si sentia partorire unofigliuolo, il quale in brevissimo tempo, nutricandosi solo dele orbache, le quali dello alloro cadevano, e dele onde dela chiara fonte, le pare ache divenisse um pastore, e s'ingegnasse a suo potere d'avere dele fronde dell'albero, il cui frutto l'avea nudrito; e, a ciò sforzandosi, le pare vederlo cadere, e nel rilevarsi non uomo più, ma uono paone il vedea divenuto.<sup>74</sup>

Assim, a metáfora de toda a vida futura do poeta já estaria contida num sonho de sua mãe. Boccaccio, “dolcissimo e soavissimo uomo”,<sup>75</sup> copista e estudio-

---

<sup>74</sup> BOCCACCIO, *Trattatello in laude di Dante*. Patria e maggiori di Dante. “*Sonhou a gentil dona [Bella Alighieri, mãe de Dante] que estava sob um loureiro muito alto, sobre um gramado verde, ao lado de uma fonte cristalina, quando sentiu que começava a entrar em trabalho de parto; em pouco tempo, a criança nascida - alimentando-se das ramas que caíam na fonte - transformou-se num pastor que se esforçava em transmitir seu poder às folhas da árvore cujos frutos lhe haviam nutrido; ao realizar tal manobra, cai - mas agora já não é mais homem, pois que se tornou um pavão.*” (tradução livre)

<sup>75</sup> BRUNI, Leonardo *apud* GROSS, Karen Elizabeth. *Scholar Saints and Boccaccio's Trattatelo in laude di Dante*. pp 68.

so da obra de Dante, também foi o escolhido para realizar a primeira leitura pública da *Commedia* em Florença, no ano de 1373.

No *Trattatello*, ele deixa transparecer toda a admiração que devota a Dante. Para Karen Gross, Boccaccio teria moldado a vida de Dante segundo o modelo de santidade de São Tomás e também, seguindo os passos de Virgílio. Nesse sentido, ela traça alguns paralelos entre as posturas de São Tomás e Dante: a concentração e tempo dedicado aos estudos, sua possível ligação à universidade de Paris, a utilização do vernáculo para difusão das idéias, o desprezo à vida cortesã em prol das próprias meditações, e a mediunidade. “Thomas had several visitors from the afterlife, some of whom explained Paradise and Purgatory. (...) Boccaccio’s *Trattatello*, then, casts Dante as a secular Thomas Aquinas.”<sup>76</sup>

“Quando nasce um mito, ele se expande em função de diversos dados praticamente necessários. Acontece que a propaganda, muitas vezes decisiva para dar o impulso inicial, intervém ainda para sustentá-lo e alimentá-lo (...).”<sup>77</sup> Com a mesma paixão de Dante, que dedicou anos de sua própria vida à união das tradições mito-clássicas ao imaginário cristão-medieval numa obra de caráter enciclopédico, Boccaccio dedicaria parte de sua produção intelectual à preservação do mito dantesco.

---

<sup>76</sup> GROSS, Karen Elizabeth. Scholar Saints and Boccaccio's *Trattatello in laude di Dante*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 124, Nº1, 2009, pp 72-73. “Tomás recebeu muitas visitas do além, sendo que algumas lhe explicaram o Paraíso e o Purgatório. (...) Seu *Trattatello*, então, representa Dante como uma versão secular de Tomás de Aquino.” (tradução livre)

<sup>77</sup> FERRIER-CAVERIVIÈRE, Nicole. Figuras históricas e figuras míticas. In: *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, p 386.

## CONCLUSÃO

Ainda que Dante Alighieri tenha defendido a difusão do conhecimento em língua vulgar, não pretendia refutar ou substituir o idioma latino. Ao tecer comentários em latim sobre poemas escritos em dialeto toscano (*Vita Nuova*); redigir um tratado político (*De Monarchia*) e diversas outras epístolas em latim; e sua obra prima em língua vulgar, tentava demonstrar a poética presente na linguagem cotidiana, sem ofuscar a superioridade e nobreza do idioma latino.

Tal era a devoção do poeta ao latim - a língua oficial do Império a que tentava dar continuidade noutra plano. Entretanto, ele estava ciente da artificialidade de um idioma criado e regulado entre pontuações e grafias gramaticais, frente às chamadas línguas vulgares - que permitiam a comunicação cotidiana entre indivíduos que compartilhavam instituições remanescentes do Império Romano, mas pouco compreendiam de sua língua oficial. Os resquícios do idioma latino firmariam suas raízes sob o solo europeu, crescendo conforme o solo em que foram lançados, originando as sete modernas línguas romanas: italiano, castelhano, português, francês, romeno, sardo e provençal.

A crença de Dante na unicidade recaía tanto sobre seus ideais poéticos quanto políticos, haja vista a simbologia característica tanto de sua prosa quanto dos versos, reflexos de sua meditação sobre a constituição dos poderes celestes e temporais. Este foi o legado transmitido em seus diversos escritos, sincretizados na *Commedia* - que é, pois, a narrativa de sua própria jornada heróica.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes primárias

ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Divina Comédia (traduzida por Cristiano Martins)*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

\_\_\_\_\_. *Monarquia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. *Vida Nova*. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.

### Fontes historiográficas

ARNALDI, G. Verbetes: "Igreja e Papado". In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002.

ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2006.

BASCHÊT, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

BETELLA, Gabriela Kvacek. Un passo indietro al Decameron: e os limites intangíveis do Novellino. In: *TRICEVERSA - Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais*, Vol. 3, Nº 2, 2009/10, pp 1-17.

BRIGGS, Charles F. Literacy, reading, and writing in the medieval West. In: *Journal of Medieval History*, Vol. 26, Nº 4, 2000, pp 397-420.

COSTA, Ricardo. Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final. In: *Dimensões - Revista de História da UFES*. Nº 14, 2002.

- BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- D'ANCONA, Alessandro. *I Precursori di Dante*. Disponível em [http://alighieri.scarian.net/critica/alighieri\\_dante\\_critica\\_i\\_precursori\\_di\\_dante.htm](http://alighieri.scarian.net/critica/alighieri_dante_critica_i_precursori_di_dante.htm) (acesso 09/07/11)
- FERRIER-CAVERIVIÈRE, Nicole. Figuras históricas e figuras míticas. In: *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- GROSS, Karen Elizabeth. Scholar Saints and Bocaccio's *Trattatello in laude di Dante*. In: *Modern Language Notes*, Vol. 124, Nº1, 2009, pp 66-85.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- GUENEÉ, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Edusp, 1981.
- HARTOG, François. A fábrica da história: do “acontecimento” à escrita da história - as primeiras escolhas gregas. In: *Les Cahiers de la Ville Gillet*, Nº 9, agosto de 1999, pp 33-43.
- INÁCIO, Inês C. & DE LUCA, Tânia Regina. *O Pensamento Medieval*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LABARGE, Margareth W. *Viajeros Medievales: los ricos y los insatisfechos*. Madrid: Editorial Nerea, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. São Paulo: Edições 70, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Os Intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006.
- MACEDO, José Rivair. *Concílios ecumênicos medievais*.
- \_\_\_\_\_. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Editora Unesp, 2000.

- MONTENEGRO, Ana Cristina Celestino. *O Tesouro de Brunetto Latini: estudo e tradução do prólogo e da retórica*. São Paulo: USP - dissertação de mestrado, 2010. Disponível em [http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2011\\_mes/2011\\_mes\\_ana\\_cristina\\_montenegro.pdf](http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2011_mes/2011_mes_ana_cristina_montenegro.pdf) (acesso 14/11/11)
- NEDERMAN, Cary J. Empire and the Historiography of European Political Thought: Marsiglio of Padua, Nicholas of Cusa, and the Medieval/Modern Divide. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 66, Nº1, 2005, pp 1-12.
- NOVA VULGATA, Bibliorum Sacrorum Editio. *Liber Leviticus, 25*. Disponível em [http://www.vatican.va/archive/bible/nova\\_vulgata/documents/nova-vulgata\\_vt\\_leviticus\\_lt.html#25](http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_vt_leviticus_lt.html#25) (acesso 15/11/11)
- ROMERO, José Luis. *Crise e Ordem no Mundo Feudoburguês*. São Paulo: Editora Palíndromo, 2005.
- ROTBERG, Robert I. Biography and Historiography: Mutual Evidentiary and Interdisciplinary Considerations. In: *Journal of Interdisciplinary History*, XL:3, Winter, 2010, pp 305-324.
- STREFLING, Sérgio Ricardo. A disputa entre o papa Bonifácio VIII e o rei Filipe IV no final do século XIII. In: *Teocomunicação*, Vol. 37, Nº 68, 2007/09.

### **Sobre Dante e Psicanálise**

- CAMPBELL, Joseph. *El héroe de las mil caras: psicoanálisis del mito*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- JUNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SELLIER, Philippe. Heroísmo (o modelo - da imaginação). In: *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- SHEPHERDSON, Charles. Telling tales of love: Philosophy, Literature and Psychoanalysis". In: *diacritics*, Vol. 30, Nº 1, Spring 2000, pp 89-105.

SZAJNBERG, Nathan Moses. Dante's Comedy: Precursors of psychoanalytic technique and psyche. In: *The International Journal of Psychoanalysis*, Nº 91, 2010, pp 183-197.

TAMBLING, J. "Dreaming the Siren: Dante and Melancholy." In: *Forum for Modern Language Studies*, Nº 40 (2004), 56-69.

### **Sobre Dante e Linguística**

AUERBACH, Erich. *Dante, poeta do mundo secular*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

CREMASCOLI, Ferdinanda. *Percorsi de lettura: la Divina Commedia*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1997.

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARACO, C. A. *Lingüística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LEDDA, Giuseppe. *Profili di Storia Letteraria*. Bologna: Mulino, 2008.

MERCURI, Roberto. *"Commedia" di Dante Alighieri*. Torino: Einaudi, 1992.

SINGLETON, Charles. Why Dante. In: *Modern Language Notes*, Vol. 124, Nº 5, 2009, p S39.

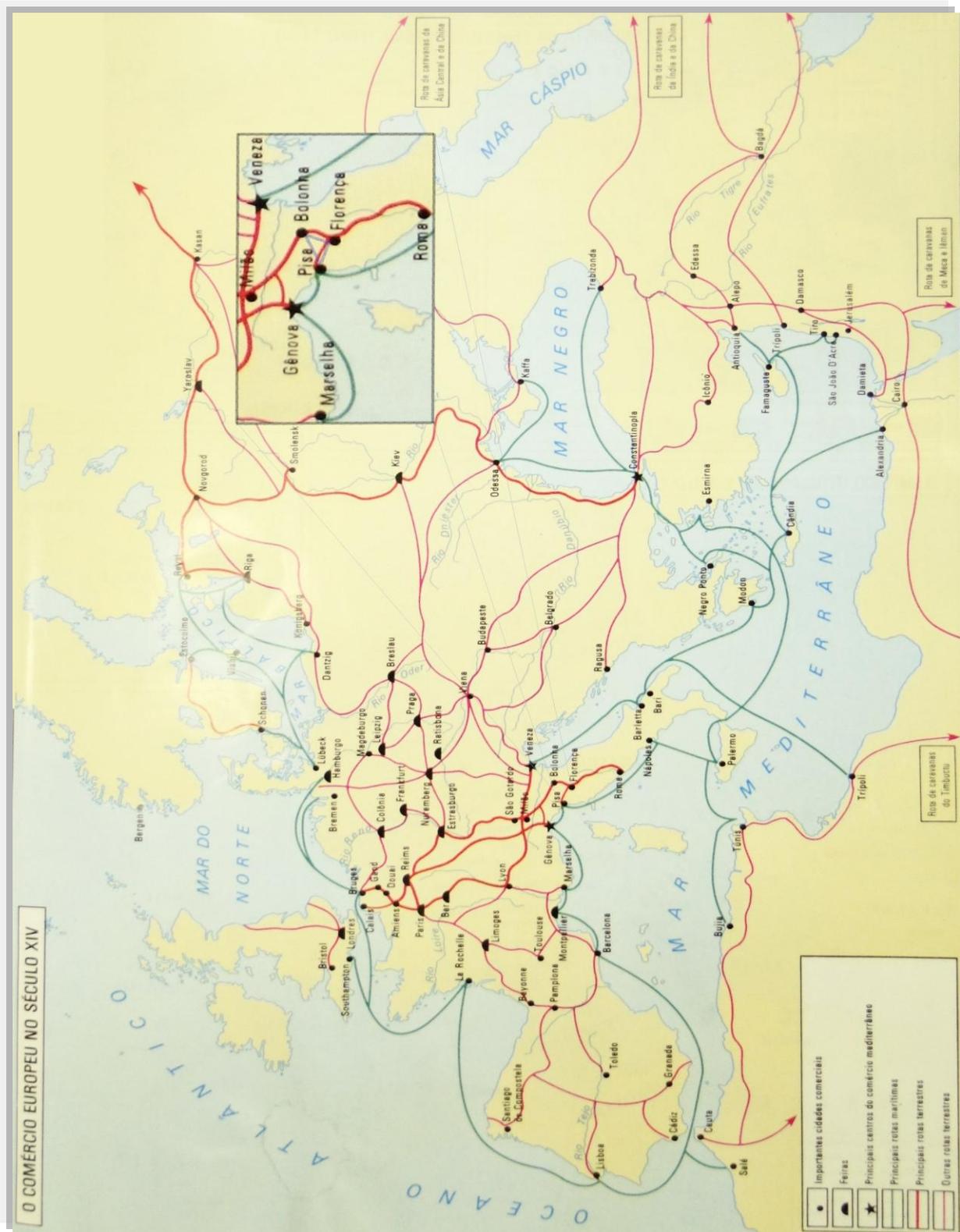
STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

### **Sobre as representações da obra de Dante**

EGGINTON, William. On Dante, Hyperspheres, and the Curvature of the Medieval Cosmos. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 60, Nº 2, 1999, pp 195-216.

- ESPOSITO, Enrico. *Dante Alighieri: un politico eretico*. Vídeo, 2010. Disponível em <http://youtu.be/fzZeEDfGpZg> (acesso 15/11/11)
- GILBERT, Allan H. Can Dante's Inferno Be Exactly Charted? In: *Modern Language Association*, Vol. 60, Nº2, 2009, pp 287-306.
- GORTON, Lisa. The Paradox Topos. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 61, Nº 2, 2000, pp 343-346.
- WATTS, Barbara J. Sandro Botticelli's Drawings for Dante's "Inferno": Narrative Structure, Topography, and Manuscript Design. In: *Artibus et Historiae*, Vol. 16, Nº 32 (1995), pp 163-201.
- WICKSTEED, P.H. The Chronology of the Divina Commedia. In: *Aids to the study of Dante*. New York: The Houghton Mifflin Press, 1903. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=pqkQd91S9SMC&pg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> (acesso 11/11/11)

## ANEXOS



**Anexo I - O comércio europeu no século XIV EC**  
 ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2006.





**Anexo III - “Plano do Inferno” de Sandro Botticelli**

WATTS, Barbara J. Sandro Botticelli's Drawings for Dante's "Inferno": Narrative Structure, Topography, and Manuscript Design. In: *Artibus et Historiae*, Vol. 16, Nº 32 (1995), p 164.



#### Anexo IV - The Palster Map

Mapa inglês do século XIII EC. Jerusalém aparece ao centro, visto a importância simbólica que ocupa no imaginário cartográfico cristão.

Disponível em <http://mappingourworlds.wordpress.com/tag/medieval-maps>



## Anexo VI

### Cronologia da vida de Dante segundo H. Franco Junior\*

- 1265 Nasce Durante, apelidado Dante, filho do notário Alighiero di Bellincione e de Bella d'Alighiere.
- 1274 Primeiro encontro com Beatriz.
- 1275 Morre a mãe de Dante, e logo seu pai casa-se novamente.
- 1283 Segundo encontro com Beatriz; morre o pai de Dante.
- 1284-1285 Início da atividade poética, aproximando-se do *dolce stil nuovo*.
- 1289 Possível estada na Universidade de Bolonha.
- 1290 Morte de Beatriz Portinari.
- 1292-1293 *Vita Nuova*.
- 1295 Casamento com Gemma Donati; início da participação de Dante na vida política de Florença.
- 1297-1299 Luta entre os guelfos brancos e negros, com Dante tomando partido dos primeiros.
- 1300 O governo florentino, com a participação de Dante, expulsa chefes das duas facções políticas.
- 1301 Embaixador em Roma, Dante é ali retido enquanto Carlos d'Anjou, ajudado pelos guelfos negros, tomava o poder em Florença.
- 1302 Acusado de corrupção, começa o exílio de Dante.
- 1303-1304 Primeira estada em Verona; *De Vulgari Eloquentia*.
- 1304-1308 *Convívio; Inferno*.
- 1308-1313 *Purgatório*.
- 1309-1310 Provável estada na Universidade de Paris.
- 1311 *Monarquia*.
- 1312-1316 Residência na gibelina Verona, de Cangrande della Scala a quem dedica a última parte da *Comédia*.
- 1314-1320 *Paraíso*.
- 1314 Composição de canções que reunidas a outras, anteriores, seriam publicadas postumamente sob o título geral de *Rimas*,
- 1317-1321 Estada em Ravena, sob o mecenato de Guido Novello da Polenta.
- 1319 *Éclogas*.
- 1320 *Quaestio de situ aquae et terrae*.
- 1321 Morre em Ravena, aos 56 anos de idade.

---

(\*) Cronologia baseada em JUNIOR, Hilário Franco. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, pp 123-126..

## Anexo VII

### Cronologia da vida de Dante segundo E. Sterzi\*

algum dia entre 14/05 e 13/06/1265	Nascimento de Dante, em Florença.
26/03/1266	Batismo com o nome de Durante (de que Dante é a forma abreviada).
1270-1275	Morte da mãe de Dante, Bella.
	1274 Aos nove anos, primeiro encontro com Beatriz.
09/01/1277	Contrato do futuro casamento com Gemma Donati.
1283-1293	Escrita dos poemas depois recolhidos na <i>Vita Nuova</i> .
	1285 Casamento com Gemma.
1286-1287	Breve estada em Bolonha; provável data da redação de <i>Il Fiore</i> .
	1287 Nascimento do primeiro filho de Dante.
	1289 Participação na batalha de Campaldino e no sítio a Caprona.
08 ou 09/06/1290	Morte de Beatriz.
1291-1294	30 meses de estudo (provavelmente em Santa Maria Novella e Santa Croce).
	1294 Escrita da prosa da <i>Vita Nuova</i> ; morte de Brunetto Latini; estada de Carlos Martel de Anjou em Florença; abdicação do papa Celestino V, ascensão de Bonifácio VIII.
c. 1295	Inscrição do nome de Dante na Guilda dos Médicos e Apotecários.
01/11/1295- 30/04/1296	Início da carreira política, entre os <i>Trentasei del Capitano</i> (36 representantes das camadas mais pobres da população)
	1296 Posto assumido no Conselho dos Cem.
c. 1296	Composição das rimas "pedrosas".
	1297 Primeiras evidências de problemas financeiros.
1298-1303	Pouca atividade literária.
	1299 exílio de Corso Donati (líder dos guelfos negros, provável primo de Gemma)
	1300 Ano do Jubileu; eleição de Dante como um dos seis priores de Florença (13/06); exílio das lideranças de guelfos negros e brancos.
	Em 19/06, no Conselho dos Cem, Dante se opõe sozinho à solicitação de apoio militar de Bonifácio VIII; em outubro, Dante vai a Roma negociar com o pontífice; saque de Florença pelos negros e entrada de Carlos de Valois na cidade (novembro).
	1301
	1302 Início do exílio; provável início da redação <i>De Vulgari Eloquentia</i> .
	1303 Primeira estada em Verona; morte de Bonifácio VIII, ascensão de Bento XI.
	1304 Provável início da escrita do <i>Convívio</i> e da <i>Comédia</i> ; morte de Bento XI.
a partir de 1304	Dante desloca-se entre várias cidades italianas, principalmente Verona e Ravena.
05/06/1305	Eleição do papa Clemente V.
	1308 Fim da redação do <i>Inferno</i> , início do <i>Purgatório</i> .
1309-1310	Provável viagem a Paris.
1310-1312	Viagem de Henrique VII à Itália para sua coroação pelo papa; encontro entre Dante e o imperador, passagem junto da comitiva por várias cidades italianas.
	1312 Fim da redação do <i>Purgatório</i> ; início da revisão dos primeiros cânticos do <i>Inferno</i> e <i>Purgatório</i> .
	1315 Dante rejeita oferta de perdão feita pelos florentinos, preferindo o exílio à admissão de uma culpa indevida.
1315-1317	Escrita da epístola a Cangrande della Scala.
	1316 Início da escrita do <i>Paraíso</i> .
c. 1318	Escrita do tratado político <i>Da Monarquia</i> .
	1321 Fim da escrita do <i>Paraíso</i> ; em agosto, contrai malária durante missão como embaixador de Ravena em Veneza; morre na noite entre 13 e 14/09.

(\*) Cronologia baseada em STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp 44-47.